

BATISMO, ANÚNCIO E DEFESA DA VIDA EM PLENITUDE

*Antonio Carlos Oliveira Souza**

* Professor no ISPES/
ITESP.

Resumo:

Os sacramentos na vida do cristão fazem parte da vida no seu todo e não só da sua dimensão espiritual e ritualística. Souza considera as práticas religiosas populares relacionadas aos sacramentos, e em especial ao Batismo, e chama a atenção para a necessidade da integração da dimensão sacramental na vida pessoal, comunitária e social. O autor realça ainda alguns aspectos teológicos relacionados ao Batismo e a proposta de vida nova em Cristo que ele encerra.

Palavras-chaves: Teologia dos Sacramentos; Batismo; Rituais; Vida Eclesial

Abstract:

Sacraments in Christian life are part of his life as a whole and not only of his spiritual and ritualistic dimensions. Souza suggests that Brazilian popular religious practices linked to Sacraments and in a special way to Baptism, need a deeper integration in the personal, communitarian and social sacramental life via true rituals. He also draws the attention to some theological aspects of Baptism and the new life in Christ deeply involved in it.

Key words: Sacramental Theology; Baptism; Rituals; Ecclesiastical life.

Muitas vezes os cristãos buscam o sacramento do batismo, levados apenas por uma tradição. Vivemos num país onde a maioria se diz católica e segue tradições que fazem parte do seu inconsciente coletivo re-

ligioso. Batizar uma criança faz parte de nossa cultura sócio-religiosa.

Será que muitos católicos têm consciência da realidade desse sacramento? Será que muitas crianças são batizadas apenas por causa dos nossos costumes? Outros ainda têm medo de deixar as crianças sem serem batizadas. *Criança não batizada ou mal batizada é encapetada, Crianças que não são batizadas são orientadas pelo demônio e não terão sucesso na vida. Crianças que morrem sem o batismo são uma desgraça para os pais.*

Experimentando essa realidade em nossas comunidades, seguem-se algumas reflexões teológico-pastorais que poderão ajudar no discernimento e na ação evangelizadora e sacramental.

1. O Batismo no nosso contexto sócio-religioso

Os sacramentos cristãos, como o batismo, não são fatos espirituais, atos isolados de nossa existência real. Não podemos fazer dos atos religiosos ritos vazios, havendo uma dicotomia entre a realidade que se vive e a vida litúrgico-sacramental que celebramos. Todos os sacramentos são parte de um processo existencial religioso que seguem o desenvolver da vida. Não podemos celebrar o batismo como se fosse um fato isolado de nossas vidas. Não são atos isolados, mas estão inseridos no nosso cotidiano real.

O contexto sócio-cultural religioso do Brasil, como todo o Continente Latino-Americano e o Caribe tem uma marca profunda: a existência de uma dialética na vida. Essa dialética revela uma profunda cisão na existência. Vivemos marcados por dois mundos. De um lado existe o mundo da opressão e do outro lado sinais de liberdade e esperança.

Essa dialética marca nossas vidas em todas as dimensões da existência. Nosso mundo político não é a representação da luta pelo bem comum da *polis*. Nossos representantes são defensores de grupos e tendências onde o bem comum não é o fim, mas o bem do grupo é a meta de todos. Basta examinarmos nossos partidos políticos, onde o ideal a utopia são tragados pelos interesses. *A bandeira do social* da nação brasileira é o estandarte de todos.

A realidade revela que não é bem assim que agem quando os interesses dos partidos e dos setores da sociedade estão em jogo. A maioria dos políticos não tem uma utopia ideológica, mas age com pragmatismo do momento. Todos nós

temos consciência das mazelas, das leis, dos interesses que sempre vencem o bem comum.

Por outro lado encontramos políticos que se interessam pelo bem comum. São idealistas e sonhadores que muitas vezes são ridicularizados e até expulsos dos próprios partidos e setores que representam.

Nossa vida econômica também passa por essa dialética. Não basta sonhar e desejar. A globalização econômica vem oprimir os ideais de vida alternativa. A ciranda dos juros, o capital especulativo, as grandes multinacionais, os aglomerados dos sistemas bancários internacionais impõem as regras do jogo. A exclusão, a marginalização, a submissão fazem parte das regras do produzir e consumir. Não basta ter ideais ingênuos, é preciso submeter-se à opressão econômica nacional e internacional para se sobreviver e participar.

Ao lado dessa opressão econômica, existem pessoas que procuram sonhar com outras alternativas de vida econômica. Além do produzir e consumir, o dividir é o ideal de vida possível. São pessoas e comunidades que acreditam na participação e divisão dos bens. São comunidades de espírito religioso, cooperativas, sociedades que acreditam no bem comum a ser produzido, dividido e só depois consumido.

A própria sociedade brasileira vive numa luta de classes. As classes mais ricas, as elites, vivem num duelo com os menos favorecidos. Essa luta de classes se manifesta no possuir da cultura, no uso das universidades, nos lucros dos que são donos de bens.

A seleção se faz do nascer ao caminhar da vida. Essa dialética de vida atinge até a própria vida religiosa. Temos um padrão religioso oficial que muitas vezes não reconhece a experiência religiosa do povo. As liturgias solenes, os rituais do culto pela sua ostentação de vestes, símbolos são cultos a serem assistidos e vistos. A linguagem na comunicação, os gestos solenes se afastam da realidade de vida.

Nesse contexto, está implícito no nosso inconsciente religioso e o povo busca os sacramentos. Nosso povo é profundamente religioso, majoritariamente católico e ainda extremamente pobre. Olhando a realidade do nosso povo, percebemos que é profundamente místico. Tem uma resistência heróica na luta pelo sobreviver. Possui ainda um senso comunitário profundo que se manifesta pelas celebrações e pelas festas. Nesse contexto, os meios de Comunicação Social aproveitam dessas características do nosso povo para fixar a sociedade num estruturalismo estático. Através de *slogans* ufanistas, de modismos culturais, a sociedade se fixa na religião como salvação, válvula de catarses coletiva.

¹ Os textos paulinos que aparecem no *Ritual do Batismo de Criança* podem ser mal entendidos se forem lidos e compreendidos dentro da antropologia grega; nesta existe um conflito entre o corpo (*soma*) e o espírito (*psique*). Cf. os textos mais usados: Rm 5,1-2. 5-8; Rm 6, 3-5; Rm 8,28-32; 1 Cor 12,12-13; Gl 3,26-28; Ef 1, 3-10. 13-14; Ef 4, 1-6; Ef 5,8-14 Tt 3,4-7. Cf. J. M. O'CONNOR, *Paulo*. Biografia crítica. São Paulo: Loyola, 2000; C. J. DEN HEYER, *Paulo, um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus 2008; J. D. G. DUNN, *A Teologia do Apostolo Paulo*. São Paulo: Paulus 2003, p. 80-112.

² A teologia joanina sobre o Batismo também pode ser mal compreendida para quem não tem uma compreensão justa do IV Evangelho. Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João, Amor e Fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005; C. H. DODD, *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo, Paulinas, 1968.

³ O Documento Puebla da Conferência Geral do Episcopado Latino Americano (nn. 30-50) faz uma fotografia real de nossa realidade.

2. Dialética da Doutrina e os Rituais

A dialética da vida vem sendo reforçada pela falsa compreensão da dialética de doutrina. A celebração do batismo, quando feita de maneira formal, é apenas ritualmente celebrada. A teologia paulina expressa nos Rituais pode ser mal entendida pelo povo que vive num mundo profundamente dividido entre dois pólos. O batismo soa como passagem do pecado para a graça como isso acontecesse só no plano espiritual.¹

A escravidão só é representada na alma que busca a liberdade do espírito. A morte é vencida pela vida apenas no plano abstrato e espiritual.

O batismo parece ser apenas uma passagem abstrata das trevas para a luz, da mentira para a verdade (1 Jo 1-7).²

A salvação não é apenas no mundo do espírito, mas, acontece num processo de superação da dialética da vida. As pessoas, ao procurarem o batismo, possuem imagens e conceitos de sua vida profundamente dialética. Encontram-se nas palavras do ritual a confirmação do que vivem. A celebração do rito do batismo pode acontecer nessa sincronia entre a vida e as palavras celebradas. Podem ser apenas entendidas no plano espiritual.

3. Dialética da nossa sociedade

Analisando nosso cotidiano de hoje, sentimos que nosso povo é profundamente religioso, tem uma dimensão mística única. No Brasil a maioria é cristã e ainda católica. Buscam os sacramentos com as características de suas necessidades religiosas. A maioria, no entanto, é pobre, excluída das leis de consumo e vivem na luta pela sobrevivência.

Essa violência é estrutural como alertou a Conferência Latino Americana em Medellín e Puebla.³ A sociedade latino-americana é profundamente injusta. As camadas dirigentes, as elites, são sustentáculos dessa estrutura injusta, pois são donos dos Meios de Comunicação e dos sistemas que a mantêm inabalável

As camadas médias e pobres participam dessa realidade pela cumplicidade, pela inércia e pela não-consciência dessa estrutura injusta.

A macro-sociedade está fundamentada no pecado social, pois aceita e sustenta as doutrinas econômicas neoliberais que geram a exclusão e a marginalização. A violência se manifesta no desemprego, no subemprego, no favorecimento às multinacionais e transnacionais. O mercado, a ciranda fi-

nanceira, os juros, as ações matam a sociedade sem piedade. Tornou-se normal e justo ver a loucura dos juros elevados, os lucros super miraculosos dos grandes bancos nacionais e internacionais e o lucro de algumas pessoas.

Essa situação provoca um segregacionismo nas classes sociais onde as questões de gênero, as questões indígenas, os menores, os doentes, são consideradas como situações normais. A questão da terra, a reforma agrária e da cidade são teses que abalam a estrutura da sociedade. A corrupção dos poderes legislativo, executivo e judiciário faz parte do cotidiano. Ninguém mais se escandaliza com esse sistema. *Foi assim, e assim sempre, será*, dizem os governantes e políticos nos dias de hoje.

4. O mimetismo na micro-sociedade

Diante dessa visão panorâmica do contexto sócio-religioso e político-cultural, poderemos ficar escandalizados. Poderiam até surgir gestos de indignação. Olhando, porém, a micro-sociedade representada nas famílias, nas comunidades eclesiais e religiosas, no cotidiano dos indivíduos, percebe-se um mimetismo desse quadro real e dialético.

A corrupção que se manifesta na incoerência e na passividade se revela no cotidiano. Os mais diversos tipos de egoísmo se manifestam nas famílias e nas comunidades religiosas. A lei da vantagem no relacionamento, no uso dos bens o celebre *jeitinho brasileiro* toma conta das pessoas. Ser esperto, saber viver bem, defender-se perante o mal estruturado parece ser uma virtude nas convivências das pessoas.

As chamadas *massas sobrantes* aprendem rapidamente a maneira de viver das elites: religiosas e civis. O egoísmo se manifesta na marginalização mesmo dentro das famílias. O doente, o aposentado, o ancião, são comumente sujeitos à marginalização como se fosse normal do conviver social. Doentes, anciãos, excluídos são repelidos no convívio do cotidiano. Faz parte do viver hoje criar-se na cultura da exclusão e da marginalização.

É nesse contexto que os batizados acontecem. Para se superar essa dialética, o sacramento do batismo deve ser considerado dentro da gratuidade superando a competição, a violência estrutural e as ambigüidades.

A grandiosidade do Dom da Vida deve ser celebrada dentro do universo simbólico que respeita o sentido profundo religioso e abre horizontes para a celebração e defesa da Vida

5. A cultura religiosa diante do batismo

A história dos povos da América Latina está alicerçada na busca da vida em plenitude. Os povos que aqui vieram, vinham buscar sustentáculos para uma vida econômico-real.

A descoberta ou a conquista da América e do Brasil pelos espanhóis e portugueses foi o recurso encontrado para a situação sócio-econômica do século XVI. Essas nações procuram alternativas para sua sobrevivência e expansão econômica. A busca de especiarias, de mercadorias atraía corajosos conquistadores para novo mundo.⁴

Além da busca da sobrevivência material, os conquistadores procuram uma nova maneira de viver. A esperança de uma nova terra atraía os interesses, dos que viviam sufocados no velho mundo. O sentido da vida ganha esperança para uma nova maneira de ser e de viver.⁵

Nesse processo da busca da vida, vai se formando uma nova cultura que transparece em sinais simbólicos de resistência comum. Os migrantes que aqui vieram encontram-se com os indígenas que vivem nesse continente e que tinham um senso comunitário desenvolvido. Senso comunitário necessário para vencer as dificuldades e para sobreviver às novas situações.⁶

Nesse contexto de luta para se sobreviver, a festa ganha um lugar especial na luta pela vida.

Festa é o intercâmbio de sentimentos que se realiza num clima de celebração. A festa tem sempre um motivo tirado da vida e de fatos. Esses novos povos privilegiam a festa da vida.

Na sociedade do capitalismo primitivo em que se viviam a festa e toda ação lúdica foram confundidas como preguiça e inércia. Nossos índios e depois os negros africanos eram considerados preguiçosos pelo seu espírito lúdico e festivo. Por sua vez, a nossa gente simples valoriza a festa, a celebração como momento forte de distanciamento da faina diária que é difícil e laboriosa. Contudo, a história não pode ser vivida de maneira só prazerosa ou fatigante, deve revelar a liberdade do ser humano buscando sentido no religioso e no definitivo de Deus.⁷

Os povos que aqui vivem no continente latino-americano têm um fascínio pelo sagrado, pelo mistério, pelo maravilhoso e o mágico. Os povos latino-americanos são profundamente místicos. O sagrado e o profano se misturam.

A luta pela vida tem suas raízes na busca de Deus, único capaz de ajudar nos momentos difíceis e desesperadores.⁸

Sentido comunitário, momentos festivos para celebrar, a confiança no transcendente, formam uma maneira cultural de sobreviver que faz parte das raízes profundas de nossa gente.⁹

⁴ Cf. A. M. BIDEGÁIN, *A História dos Cristãos na América Latina..* Petrópolis: Vozes, 1993, vol. I, p. 17-30.

⁵ Cf. E. HOORNAERT, *História do Cristianismo na América Latina e no Caribe.* São Paulo: Paulus, 1994, p. 27-42.

⁶ O sentido comunitário é uma forma de resistência diante das dificuldades encontradas para se viver. Cf. Idem. p. 269-278.

⁷ Cf. F. TABORDA, *Sacramentos, Práxis e Festa.* Para uma teologia Latino-Americana. Petrópolis: Vozes, p. 50-56.

⁸ Cf. *Santo Domingo*, Conclusões, n. 36. Ali se analisam os aspectos positivos da religiosidade; popular procura mostrar que muitas expressões religiosas são uma verdadeira *inculturação* da fé.

⁹ Idem, n. 18.

6. A Experiência nuclear do Batismo

Dentro desse contexto latino-americano, o sacramento do batismo é visto, sentido e experimentado como busca da vida em todas as dimensões. É anúncio da vida e defesa da vida em plenitude!

Na nossa vida cotidiana, a realidade batismal se dá no nexo profundo entre a vida e a morte. Existe ainda em nosso Continente a dramaticidade da vida pelo alto número de mortalidade infantil e pelos desafios de sobreviver nas péssimas condições de vida. A situação familiar, o costume religioso e a própria catequese sacramental enfrentam esses desafios.¹⁰

Examinando nossas celebrações litúrgicas do batismo, percebemos que os sacramentos cristãos sofrem influências do ambiente de origem quando aqui chegaram.

A estrutura do ritual do batismo sofre ainda influências do clima de cristandade do ambiente do Concílio de Trento, ao se promulgar os decretos e cânones sobre os 7 sacramentos em 3 de março 1547.¹¹

Na época do Concílio de Trento, havia o perigo dos infiéis (muçulmanos) que avançavam sobre o continente cristão europeu. Além disso, os hereges (protestantes) ameaçavam a unidade eclesial.¹²

Quando os conquistadores aqui chegaram, os sacramentos cristãos, de modo especial o batismo, eram o modo de se impor nova cultura religiosa. Sacramentalizar era o processo de aculturação de nossos indígenas e depois dos negros africanos.

Ser batizado era participar de uma cultura superior, era deixar-se *europeizar-se*, fazer parte de uma nova cultura. Esses substratos permanecem ainda nos rituais que se revelam pelas roupas e símbolos usados nas celebrações. Ao participar das celebrações batismais, nosso povo latino-americano tem vários substratos no seu inconsciente coletivo religioso que recebe as mensagens dentro de sua identidade cultural.

Diante das fraquezas dos recém-nascidos devido à pobreza estrutural e à fragilidade, nossa gente invoca proteção contra os maus espíritos. Nossos índios e nossos negro-afros que aqui vieram têm rituais de proteção contra os maus espíritos. Fazem parte do seu universo cultural religioso a busca da proteção dos deuses (Olorum) ou do seu deus supremo (Tupã) contra os demiurgos do mal ou dos espíritos ruins.¹³

A religião nativa dos que aqui viviam tinha um caráter de proteção terapêutica. Visto a partir desses códigos de comunicação, o batismo, como sacramento, passou a ser entendi-

¹⁰ Cf. V. CODINA – IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos de Iniciação, Água e Espírito de Liberdade*. Petrópolis, Vozes, 1988, p. 23-24.

¹¹ Cf. ENCHIRIDION SYMBOLORUM DEFINITIONUM ET DECLARATIONUM de REBUS FIDEI ET MORUM. Denziger, 1946, Decreta et Cânones 843-870.

¹² Cf. H. TÜCHLE – BOUMAN, C. A *Reforma e contra reforma*. Petrópolis: Vozes, 1983.

¹³ A CNBB, Leste I publicou um estudo sobre macumba, cultos afro-brasileiros, candomblé, umbanda onde apresenta uma síntese das influências da cultura indígena e africana na Religiosidade Popular. Cf. CNBB, *Observações pastorais*. São Paulo: Paulinas 1976.

do como proteção contra o Mal e sinal de identidade cultural de proteção.

Muitas expressões culturais populares ajudam a entender o sentido dessa comunicação. Ser pagão é assim ser possuído pelo demônio, é viver sob as garras do espírito das trevas. Criança que não é batizada está condenada a viver nas dificuldades da existência ou a não ter sucesso no seu caminhar.

Rituais de exorcismo como expulsão dos demônios têm um apelo emocional muito forte na nossa gente. A água benta, o sal que se usa nas celebrações, as unções com o óleo, as vestes trazem uma mensagem de proteção contra os espíritos maus e demônios.¹⁴

O batismo cristão é celebrado numa visão cristã e é recebido a partir dos códigos emocionais de quem recebe. Diante dessa dialética cultural, doutrinal e das ambigüidades dos rituais que recebem como entender e rever o batismo no mundo de hoje?

¹⁴Cf. V. CODINA – IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos de Iniciação...*, op. cit., p. 19-21.

7. O Batismo: Anúncio de Defesa da Vida em Plenitude

O Batismo é antes de tudo um anúncio de Vida. É a inserção numa *ecclesia* entendida como nova maneira de viver a partir da vida, doutrina, práxis de Jesus de Nazaré. Ser batizado é entrar e viver numa comunidade, Igreja família, que faz Memória e Memorial de Jesus Cristo morto e ressuscitado.

É acreditar no Deus de Jesus de Nazaré e viver o Deus da vida e não da morte. Por isso é fundamental que em nossas catequeses ajudemos nosso povo a se libertar dos ídolos.

Desmitologizar é o núcleo libertador das consciências que confundem o Deus da Vida como sendo o Juiz, o medo que assola as pessoas. O Deus de Jesus de Nazaré é Pai que quer salvar a todos os homens e mulheres de boa vontade. Ele é o *Abba* que ama a todos os seres e os criou para felicidade e bem-aventurança suprema.

O Deus de Jesus se revela na busca da verdade entendida não como verdade filosófica grega de adequação da mente à realidade. Verdade é busca da fidelidade (*êmet*) ao Deus da Vida.¹⁵

Ser batizado é entrar numa comunidade Igreja e família, que procura ser fiel ao Deus que deseja a Vida em todos os sentidos a seus filhos.

Ser batizado é lutar pela Justiça que supera as leis da comutação, da distribuição e da legalidade jurídica. É viver o

¹⁵ Cf. H. W. WOLFF, *Antropologia do Antigo Testamento* São Paulo: Loyola, 1975, p. 51-58.

ideal da Justiça (*sadec*) que vai ao encontro dos seres humanos, ultrapassando os códigos humanos de partilha e de juízo de valores. Ser batizado é valorizar o humano, independentemente de sua cor, sexo e posição social.¹⁶

O Batismo cristão é um apelo à vivência do Amor (*hês-sed*) que supera os qualificativos e se lança na oblatividade. Vai-se ao encontro dos mais carentes da vida, os marginalizados, os empobrecidos.¹⁷

O Batismo a ser celebrado é a experiência de ser comunidade que busca a vida em plenitude. A Vida é um Dom gratuito que nos é dado. Valorizar a Vida é ter consciência da gratuidade, somos um dom divino.

A defesa da vida se faz em todas as dimensões. Somos chamados a defendê-la no cosmos, na nossa responsabilidade micro cósmica. Somos resumo do universo, somos convocados a defendê-la em nossa existência e no ambiente em que vivemos.

Hoje se fala muito em sustentabilidade da vida, em defesa do universo cósmico em que vivemos. Ser batizado é acreditar que somos responsáveis pelo mundo que vivemos e que o futuro depende do nosso agir.

O batismo cristão exige ainda de todos a responsabilidade pela valorização dos direitos humanos, a co-responsabilidade social com os excluídos e os marginalizados. A violência gera violência. A responsabilidade dos batizados é ter consciência das causas de tanta violência em nosso mundo e buscar a paz que está na não-violência, na aceitação do limite e no reconhecimento da pluralidade de nosso mundo atual.¹⁸

8. A pedagogia do batizado cristão

Vivemos no mundo da competição, da rivalidade e da disputa. O segredo da convocação para os batizados é o desejo de sair do egoísmo e viver na comunidade. Comunidade essa que tem como ideal fazer Memória da Vida, doutrina e práxis de Jesus de Nazaré. Comunidade que atualiza no contexto de hoje os apelos de um memorial a ser vivido que exige decisões.

Aponto aqui algumas reflexões como possíveis saídas para superar a dialética da existência que vivemos no nosso contexto latino-americano.

O Batismo é acima de tudo uma Festa da Vida – A família, os padrinhos, os amigos fazem da celebração batismal *um acontecimento único com a chegada de um menino ou menina*. A Festa familiar e popular tem assim uma dimensão

¹⁶ Idem, p. 211.

¹⁷ Idem, p. 249.

¹⁸ Cf. D. BOROBIO, *Pastoral do Batismo*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 122-128.

de alegria por um novo membro diante da fragilidade da existência.

Por isso as roupas, os cânticos, a reunião festiva, o “deramar água” na cabeça das crianças têm uma dimensão religiosa profunda. A vida é um dom de Deus que deve ser celebrada e defendida dos inúmeros perigos. A dura experiência para sobreviver no dia a dia, a luta pela vida ajuda a criar esse momento de fuga do cotidiano e se lançar nas mãos de Deus na celebração do sacramento da vida.

Compete ao celebrante criar esse clima de festa religiosa e não fazer uma dicotomia entre a celebração sacramental na Igreja e a festa que normalmente se segue após o batizado.

Por isso deve-se criar um clima de hospitalidade e de acolhida. O grande pecado das celebrações litúrgicas está na falta de acolhida e de criar um clima que se está em casa, em família na casa de Deus, a Igreja.¹⁹

A valorização dos nomes das crianças, dos pais e mães, dos padrinhos e madrinhas ajuda os participantes a se sentirem em casa, a celebrar a festa da vida.

Os horários das celebrações também devem ser escolhidos sujeitando-se às crianças evitando momentos que não lhes sejam favoráveis. Toda festa tem uma preparação e tempo devidos. Saber respeitar esses momentos é ter certeza de que as pessoas se sintam bem motivadas para assumir os compromissos batismais.

Outra realidade que precisamos enfrentar hoje em dia é a situação das famílias. As famílias que muitas vezes trazem as crianças para serem batizadas não são mais as famílias tradicionais.

Nas grandes cidades é comum encontrar famílias de segunda união, ou pessoas que vivem familiarmente sem serem casadas.

O momento de celebração batismal deve ser oportuno para recordar os valores cristãos de ser Igreja. Devemos ser livres para transcender laços puramente jurídicos e nos ater nos valores cristãos da fidelidade, da sinceridade e do compromisso de ser cristão.²⁰

O compadrio é algo primordial no nosso povo. O círculo de parentesco é sinal de sobrevivência e, muitas vezes, têm funções no conflito e na reconciliação.

Existem normas e responsabilidade entre padrinhos e afilhados, entre pais e compadres selando a identidade cristã. Os padrinhos que levam com ternura as crianças para serem batizadas assumem uma função sagrada. Tem um valor afetivo enorme que perdura toda a vida como presença na educa-

¹⁹ Na cultura latino-americana o compadrio possui um estrato social muito forte. Compreender, respeitar e discernir: ajudam a criar fortes laços sociais e familiares. Cf. V. CODINA – IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos de Iniciação*, op. cit., p. 31-32.

²⁰ Idem, p. 94-95.

ção e na responsabilidade social dos afilhados, a intimidade que cria incorporação à família de seus padrinhos e destes na dos afilhados.

Os laços de compadrio predominam entre padrinhos e afilhados. Em algumas regiões da América Latina e do Brasil, os padrinhos ganham destaque como fatores de honra e de superioridade e de dominação. Quanto mais afilhado alguém possui, mais ascensão social e econômica pode revelar.

Compete, contudo, ao celebrante e à comunidade onde se realiza os batizados anunciar e convocar que ser padrinho ou madrinha significa compromisso de ajuda solenizada no rito. Os padrinhos devem contribuir para a consolidação familiar.²¹

Acima de tudo, a celebração do batismo é uma experiência de Deus a ser celebrada e vivida no sacramento e nas conseqüências da vida.

Essa celebração passa necessariamente pela dimensão simbólica. Os sacramentos e, de modo especial, o batismo, são celebrações simbólicas da Igreja através das quais nos colocamos no mistério pascal de Cristo e nos dispomos a seguir esse Jesus na vida concreta de nosso cotidiano.

Os sinais-simbólicos de imersão emersão na água, o sinal da cruz, a imposição da veste batismal, a iluminação da luz pascoal acesa no Círio, as unções com o óleo dos catecúmenos e do crisma atualizam nos batizados o mistério da morte e ressurreição do Cristo e a libertação de todo o mal.

A água derramada não é simplesmente *lavar a mácula do mal*, mas passar da morte para a vida, do caos do egoísmo para a unidade da Igreja, comunidade. Ser salvo das águas é expresso simbolicamente na purificação da humanidade no Dilúvio, na conscientização da escravidão no Êxodo e na opção por Deus no Jordão.

Essa libertação da morte se expressa no sentido comunitário por Deus salva as pessoas em comunidade como povo. A Igreja prolonga essa comunidade de salvação na história e vai constituindo o sacramento da salvação universal.²²

O dom batismal deve corresponder por parte dos batizados a uma atitude concreta na vida: seguir o caminho de Jesus, imitar sua solidariedade com os pobres, libertar-se de toda escravidão e morte, realizando assim a chegada do Reino de Deus.

O batismo é assim uma denúncia contra todas as estruturas anti-evangélicas que destroem a vida em todas as dimensões cósmicas, sociais e espirituais. Seguir Jesus é anunciar a Vida em plenitude.

Dentro dessa visão, os simples, os pobres mergulham com mais sabedoria no mistério profundo das águas do ba-

²¹ PUEBLA, nn. 29-50

²² Cf *Lúmen Gentium* 1, 9. 4 a 8.

tismo do que os sábios, os poderosos desse mundo que não querem perder seus privilégios e situações familiares constituídas.

O Batismo é acolhido com simpatia pelos pobres e uma denúncia para a conversão dos poderosos. Por isso, a celebração do batismo é uma denúncia contra o fato da América Latina e o Caribe serem majoritariamente de cristãos batizados e ter uma minoria que vive o banquete na opulência enquanto a maioria vive em situações desumanas.

Concluimos dizendo que o batismo é uma convocação para a Vida em plenitude e denúncia contra os atentados contra a vida cósmica material, os desequilíbrios sócio-econômicos e o radicalismos fundamentalistas arraigados nas leis e interpretações equívocas do Deus da Vida.

O Batismo é a grande celebração da Vida a ser feita pelas famílias, tendo consciência e assumindo o que Jesus disse ao afirmar que veio trazer a vida a todos e que a tivessem em plenitude (Jo. 10,13). Somos convocados ao banquete da vida que não se resume na vida espiritual, mas na defesa da vida cósmica e social.